A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

Ano II—Numero 100 | Preço avulso 1 Escudo | 12 Paginas

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V, 18
TELEF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES

ASSIM SE MATA UMA MULHER!!

Em Tomar, um tresloucado, Francisco Silva, assassina sem mais nem mais, á saida da missa, a sua ex-namorada, Maria da Purificação. Tragedia passional intensa, apaixonou a opinião publica, pela sem rasão do crime que arrebatou uma mulher honesta, na plena força da vida.

O DOMINGO ilustrado
ANO II N.º 100
LISBOA 12 DE DEZEMBRO DE 1926
PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO ilustrado
DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA
REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—Rua D. Pedro V 18—Telefone 631 N.—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSÃO—Rua do Seculo, 150

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

CAIAM embora sobre mim as maldições de tres quartas partes da Humanidade, esmague-me o desprezo da geração que avança a passos de «charleston», mas não posso nem sei calar o meu horror á dança!

Desde aquela idade em que sentir nos braços a leve pressão dum busto de mulher é um dos grandes objectivos a atingir na vida, desde essa idade—ai de mim!—já recuada que eu tenho a dança na conta duma inferioridade de que o homem não conseguiu, tantos seculos de civilisação decorridos, desembaraçar-se ainda. Compreendo e aplaudo a dança plastica, interpretando em ritmicos movimentos e em atitudes expressivas uma grande pagina, dum grande inspirado, mas detesto por absurda e indigna da inteligencia humana a dança de sala, quer seja a «polka» pulada ou a frouxa «mazurka» dos tempos idos, quer seja a languida valsa alemã que lhes sucedeu, quer os varios «steps» «shimmy», «foxs» e «charlestons» que presentemente epiletizam a humanidade dançante.

Tive em Coimbra um cãosito, chamado «Topsius», que me esclareceu sobre a origem animal da dança. Como na «republica» onde viviamos, «Topsius» e eu, houvesse o luxo dum piano alugado á razão de sete mil reis por mês, vinham ás vezes os temperamentos musicais da academia exibir no instrumento as suas habilidades, e se apareciam bastantes que só tocavam com um dêdo os primeiros compassos da romanza da «Tosca», alguns lá por casa passavam cujo «virtuosismo» nos proporcionou inefaveis horas de espiritualidade.

Pois «Topsius» sempre que se iniciava um concerto, largava aos primeiros acordes a bota ou par de calças que estava roendo e corria para o quarto onde o piano estava instalado. Dentro em pouco, dominado pela musica, o cachorrito entrava a balançar o corpo sobre as quatro patas, ao ritmo langoroso da valsa, enquanto da guela lhe saia um uivo prolongado e fino, como um gemido de prazer. "Topsius" dançava.

Infelizmente, «Topsius» morreu de esgana, durante as ferias de Pascoa desse ano, em que o tive por companheiro. Não sei que efeito lhe fariam os «charlestons» e outros bailados modernos, mas inclino-me a crêr que ele os dançaria com a mesma feição entusiastica que imprimia ás valsas.

Guardo de "Topsius" recordações suaves, apezar de ele me ter roído um par de punhos que eu tinha em muita estimação, mas esse prejuizo não conta, comparado com o serviço que ele me prestou, demonstrando-me praticamente a animalidade da dança.

Quando hoje vejo, numa sala onde um piano ou um sexteto zaranzam musica dançante, um sujeito tomar uma senhora pela cinta e largarem ambos a balançar o corpo, ao ritmo do trecho encantado, logo evoco a memoria do meu cãosinho "Topsius" e vejo nitidamente os seus olhos verde-salsa, brilhando vivamente entre a pelagem côr de chocolate, no entusiasmo da valsa.

ECOS E COMENTARIOS

André Brun

O nosso querido e eminente colaborador André Brun encontra-se doente, retido no leito. Fazemos sinceros votos por que a sua ausencia nesta pagina, sinal de que não está melhor, passe depressa. O espirito superior, a conversa sempre atraente e finamente ironica de Brun é um dos melhores atractivos de "O Domingo".

Disciplina

Sob este titulo, o "Diario de Noticias" publicou um editorial, dirigido ao Sr. Ministro de Instrução, em que é formidavel de oportunidade—embora a muitos parecesse um simples pretexto de jornalista com falta de assunto.

Nós somos dos que há muito pregam o mesmo. Vivemos num paiz onde ninguem é disciplinado. «Ninguem!» Uma ordem é uma ofensa—muitas vezes uma injuria.

Se há quem mande, não há quem obedeça. A hierarquia tecnica, moral, social—é um mito.

"Repontar"—é a expressão vulgar. Desobedecer—um sistema.

Quem escreve estas linhas veio ha pouco da Alemanha. Uma das maiores impressões que colheu—foi a da disciplina.

Cada pessoa entra no seu lugar, obedece aos que estão acima, sem discutir; ordena ao que está abaixo, sem admitir réplicas. Toda a gente tem a quem mandar—toda a gente tem a quem obedecer.

São realmente, a falta de disciplina, e o doentio, morbido, destrutivo humorismo amarelo—e escrevemos isto num jornal pitoresco como o "Domingo"!—que atacam em primeira mão, e destroem por fim, as tentativas mais patrioticas e as atitudes mais nobres.

Esses defeitos tornados superiores na ironia de Eça—que deve confessar-se atacou muita coisa justa—fizeram da vida portuguesa d'hoje o ambiente mais mortiço, mais triste, mais pessimista, mais absurdamente suicida da Europa. Portugal é um paiz de luto carregado a chorar sobre cautelas de prego, a discutir na ciela a roupa suja dos escandalos politicos, onde as proprias ditaduras têm o aspecto de intervenção rude do "policia da esquina".

Nem uma festa publica! Nem uma alegria do povo! Nem um conforto publico! Nem luz nas ruas, nem agua nas casas! Nem estradas nos caminhos, nem comboios baratos! Nem bairros operarios, nem tribunais decentes! Nem edificios monumentais, nem escolas primarias! Nem protecção ás belas artes, nem teatro proprio!

Nada!

Como expressão do desmaselo soberano *ex-libris* do paiz, á entrada de Lisboa, sorriso da capital: — os escombros das encomendas postais e o imundo barracão, sordido e putrefacto da estação do Sul e Sueste!

Leopoldo Froes

Está entre nós um grande actor brazileiro, porventura a maior compleição artistica que a scena brasileira tem creado, em nossos tempos.

Leopoldo Froes, diz, trabalhará junto de Erico Braga e de sua esposa, a actriz Lucilia.

E' uma noticia já conhecida, mas de primeira grandeza para quem se interessa pela arte dramatica. Leopoldo Froes estreará, com a comedia do Palais-Royal, criada por Victor Boucher, "Au premier de ces messieurs". Será com infinito prazer que o veremos representar, pelos seus processos modernos e sobrios, a desopilante e imprevista peça que acabamos de ver em Paris.

Belas Artes

Alfredo de Morais, aguarelista de muito merito, ilustrado e popularissimo artista sincero da chamada velha guarda, abriu a sua exposição de aguarela. Que o publico, interessado apenas no foot-ball e na grandeza dos clubs, pense um pouco na belezа dos seus cartões e anime a vida fecunda desse simpatico, talentoso e tão honesto artista—são os nossos votos.

Que grande Marang!

Foi solto Marang! Provou-se afinal—e vai provar-se talvez para todos os reus do Angola e Metropole—a boa fé! Ninguem é criminoso—pelo simples facto de que não há crime!

Este belo assunto, que escapou aos romancistas mas já deu a uma peça de Ramada Curto, "o caso do dia„—é do genero do tema do "Mandarim". Apareceu um homem com dinheiro, muito dinheiro, infinito dinheiro. Todos o utilisaram nesta filosofia sã: Se a origem não é boa, isso é com a policia. Enquanto o pau vai e vem—folgam as costas.

E as costas têm sido realmente largas...

Tauromaquia

O nosso distinto cronista taurino e antigo aficionado Sr. José Pedro do Carmo está concluindo um excelente trabalho sobre tauromaquia, em livro, a sair brevemente.

A obra, que será muito desenvolvida, é editada em grande luxo e prefaciada pelo Sr. D. Francisco de Noronha.

Versos de amor

ERRO

—"Não. Não peças á vida Gloria e Amor
para os prender na força dos teus braços
e agitar na penumbra dos espaços
o seu grande clarão dominador!

Sempre vencido e nunca vencedor
o rythmo victorioso dos teus passos
verias retraçada a negros traços
a tua aspiração de sonhador..."—

E hoje, só lhe pedindo o esquecimento,
num apagado e quieto isolamento
sem ambições, sem luctas, sem ideaes,

vejo que a Vida—fui covarde, louco!
tudo recusa a quem pedia tão pouco,
para dar tudo a quem pedir demais!

MOCIDADE

E's novo,—diz-me a voz da Primavera
se num gorgeio alegre se resume—
vê; tens a vida em flor; no seu perfume
paira a ventura immensa que te espera.

E's novo,—diz-me o Sol—câla o queixume
dessa desilusão que te exaspera;
atira ao vento a cinza da chymera,
e eu dou-te a cinza transformada em lume.

E's novo,—diz-me a Vida—em plena aurora
a febre de ambição que te devora
doira um imperio azul que hode ser teu.

Oiço os trez... E a amargura que me invade
vem de sentir que a minha mocidade
já no teu desamor se envelheceu.

SÓ

I

Noite. Ninguem na estrada. Cautelosa
a treva espalha o seu martyrio amargo.
Um brando e serenissimo lethargo
desceu da ramaria murmurosa...

Os olhos calmos calmamente alargo
com a alma resignada e silenciosa
de quem não vê, da praia penhascosa,
nem vellas brancas perpassando ao largo.

E não me prende a velha nostalgia
das horas de anciedade ou de alegria
que queimaram florestas de Ilusão.

E olho já sem tristezas esta negrura
quando de par em par, á noite escura
abro os portaes da minha solidão...

II

Solidão! E's a suave companheira
das almas que outras almas desertaram,
o doirado calor de uma lareira
para os frios invernos que as gelâram.

Aos que, vencidos na ambição primeira
já de toda a ambição desesperaram,
tu dás de novo, luminosa, inteira,
a flor vermelha que outros esmagaram.

Oiço-te sempre, sempre, eu que te escuto.
Alma doente, coração de luto
renascem a cantar, vivendo em ti.

Comprehendes os meus sonhos sem sentido
e hora a hora, repetes-me ao ouvido
as palavras de amor que nunca ouvi!

TAÇO

— Mas que grande vigario!

— Luisinha, todas as manhãs quando me levanto penso em si!
— Ora, já o Carlos me diz o mesmo...
— Sim, mas eu levanto-me uma hora mais cedo do que ele...

— A ironia das coisas!...

Pagina Alegre por Xisto Junior

A ANTIGUIDADE DAS ANTIGUIDADES DE ESTEVES

FOI num compartimento do «rapido» do Porto que eu conheci esse homem estranho, de ideias e olhares fixos, que se chamava Esteves e era antiquario por vocação.

Tendo rompido a conversa com a banalissima e classica pergunta sobre a conveniencia ou inconveniencia de se fechar uma das janelas do compartimento, em breve me achei miudamente ao par da vida intima do meu companheiro de viagem.

— Eu adoro tudo o que é passado —dizia-me ele, ahi por alturas de Alfarelos.—Não sei se o meu amigo reparou que eu ainda há pouco, no vagão-restaurante, exigi um bife bem passado. Sou assim desde pequenino! A minha familia atribui esta mania a um susto que uma criada me pregou, quando eu tinha dois anos, e que me deixou passado.

— Ah, certamente...—bocejei eu.

— O meu proprio apelido é predestinado—continuou o homem, com a tenacidade peculiar aos maçadores.—Se não veja: Esteves é tudo o que há de mais preterito do verbo «estar»... Eu «esteve», tu «esteves», etc. Não lhe parece que tudo indicava que eu, antes de o ser, já era um entusiasta do passado?

E eu, fazendo variações sôbre o mesmo tema do bocejo:

— Ah, com certeza...

— Se o meu amigo soubesse o que me leva ao norte ficaria fazendo uma ideia de quanto é absorvente a paixão que me domina... Não quere saber?

— Pois sim—aquiesci.—O saber não ocupa lugar e, portanto, não paga bilhete no comboio...

A face do Esteves iluminou-se de estranha alegria pela ligeira sombra de interesse que eu manifestara, e depois de se certificar que mais ninguem nos escutava, curvou-se todo sobre mim para me confidenciar ao ouvido:

— Vou adquirir a borla do pó de arroz de Dona Tareja, mãe de D. Afonso Henriques. Foi achada há pouco tempo no castelo de Lanhoso, onde a veneranda senhora residiu. Dizem-me que está tão bem conservada que até tem pó...

— Pó dos seculos?...

— Não, senhor, de arroz!... Já ofereci por ela um conto e quinhentos, mas estou disposto a ir até aos dois contos.

— Perdão—interrompi.—Não percebo lá muito bem! Então trata-se duma «borla» e o senhor tem de pagar?

Como estavamos em Aveiro, o meu recente amigo Esteves debruçou-se da janela da carruagem para comprar ovos moles. Uma vendedeira aproximou-se, oferecendo um barrilinho de doce:

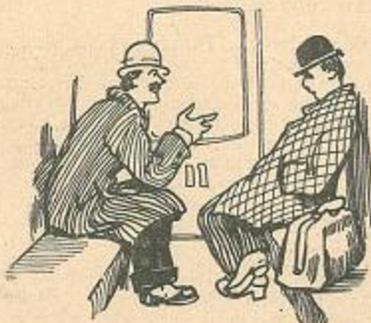
— Aqui tem, meu freguês. São fresquinhos... feitos de hoje...

E o Esteves, indignado, todo ele antiguidades:

— Feitos de hoje? Por quem me toma você? Dê-me dos mais antigos que tiver! Paga-se o que fôr...

A vendedeira, procurando uma barrica maior, apresentou-a a Esteves:

— Esta tem três anos! Não vê como está crescida? São quinze mil reis...

E, enquanto Esteves pagava a exorbitancia, eu ia considerando com as minhas casas, porque os botões não estavam para conversas: «A mulhersinha acha os ovos moles e carrega-lhes no preço».

O comboio retomou a marcha e Esteves, silencioso, sorria á ideia da borla que ia arranjar na Povoa do Lanhoso. No seu enlêvo, monologava:

—Deve fazer um vistão, na vitrine n.º 6, ao lado do pente de alizar da segunda mulher de D. Afonso III e da tesoura de unhas do Geraldo Sempavor...

E vendo que eu pegava num jornal, increpou-me:

—Interessa-lhe o que diz o «Seculo» de hoje? Pois a mim só me interessam os seculos passados. Quando nos encontrarmos em Lisboa, há de ir a minha casa. E' um verdadeiro museu, há-de gostar. Tenho lá um grande camafeu...

—O sr. Esteves é casado?...

—Sou, mas não vivo com minha mulher... Ainda lhe hei-de contar essa historia... O camafeu a que me refiro é outro: representa o rapto das Sabinas... Faço muito gosto nele... Até me serviu para aclarar um ponto duvidoso da historia romana!

—Que ponto?

—O amigo sabe talvês que alguns escritores sustentam que o rapto das Sabinas foi feito de combinação com as raptadas e que o namoro com os romanos raptores era já antigo. Segundo esta versão, teria havido um erro de escrita perpetuado através das gerações, não se tratando dum rapto de donzelas Sabinas, mas de meninas sabidas e achadas na manigancia. Ora eu verifiquei, examinando atentamente o meu camafeu, que as figuras das Sabinas ali representadas são todas menores que as dos romanos... Sendo menores, houve violencia e não conivencia... E' da lei...

—O senhor dedica-se, então, tambem á investigação historica?—perguntei.

— E com os melhores resultados, modestia áparte. Tenho feito descobertas preciosas!...

—Uma, para exemplo...

—Eu lhe digo... Qual há-de ser? Ah! esta... O meu amigo sabe porque é que a historia chamou a D. Afonso IV o «Bravo»?

— Calculo que por ser um guerreiro destemido, do que deu boas provas na batalha do Salado...

— Perdão!... Uma ligeira emenda: batalha da Salada é que foi! E' tambem uma descoberta minha, essa gralha dos cronistas. A batalha chamou-se da Salada porque os mouros vencidos eram comandados pelo celebre general Al Face. Mas voltando ao nosso Afonso IV... Não foi pela sua valentia que a historia o cognominou de «Bravo».

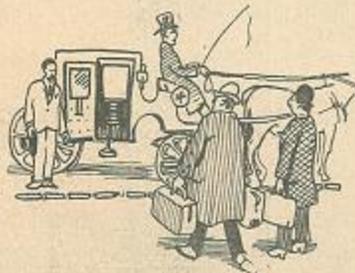
— Porque foi, então?

— Prometa-me guardar um inviolavel segredo sobre o que vou revelar-lhe. Só depois da minha morte serão publicados os meus estudos historicos e até lá quero evitar discussões com a Academia das Sciencias. Pois foi por isto: Numa noite de recita de gala representava-se no Nacional «O Homem e os seus fantasmas» e D. Afonso IV assistia com a sua casa militar e civil. A certa altura, entusiasmado com a montagem da peça, feita pelo Leitão de Barros, não se contém, esquece o protocolo e exclama: «Bravo!» Ficou lhe daí o cognome.

Não me permitindo a velocidade do comboio apear-me em plena linha, resignei-me a ouvir até ao Porto as fantasticas interpretações daquele investigador do passado.

— A minha obra, a tal que só depois da minha morte virá a publico, intitula-se «Raias & Paulitadas» e abrange os erros insertos em todas as historias de todos os povos.

— Deve ser colossal!—disse eu, já perturbado.

— Noventa volumes de mil paginas! Mas quasi a considero uma insignificancia, quando a comparo ás minhas

colecções de mobiliario e objectos de uso comum, isto sem falar na documentação escrita pelos punhos mais notaveis. Uma fortuna que eu lego á posteridade....

— Muita coisa, não?

— Um arquivo e um museu completos! Tenho um cartão de visita do infante D. Henrique, a agradecer as boas festas do continuo da Escola de Sagres, que não cederia por todo o ouro do mundo! A maquina Singer, em que Inês de Castro cosia as roupas de Pedro, o Cru, rivaliza, na minha galeria de Antiguidades, com o guarda-vestidos de porta de espelho que D. Filipa de Lencastre trouxe de Inglaterra.

O comboio deslizava veloz e, na minha pobre cabeça aturdida, as frases de Esteves faziam o efeito que aos meus olhos desvairados proporcionavam as arvores e os postes que via fugir para traz, através das janelas do compartimento. E Esteves, implacavel, prosseguia, enumerando:

— Ah, meu amigo, tenho coisas de enternecer! A escarradeira do chanceler Julião, um atilho das ceroulas de D. Manuel, o Venturoso, uma camisola de flanela de D. Sebastião e um lenço de assoar da infanta D. Maria, que foi chamada a «Infanta Latina». Uma carta de Fernão Lopes a pedir quinze tostões emprestados a D. Duarte, o Eloquente, só pode emparelhar em valia com o bilhete postal ilustrado, que tambem possuo, em que D. João III pede para Roma informações sobre a instalação do Santo Oficio em Portugal. Tenho em meu poder o original do atestado medico passado a D. Afonso VI, para justificação das suas faltas como funcionario publico, e guardo avaramente a mesinha de cabeceira sobre cuja pedra o Cardeal D. Henrique assinou o decreto da dissolução das côrtes. Do Prior do Crato possuo um botão de colarinho...

Felizmente, o comboio estacou nesta altura do colarinho do Prior do Crato e Esteves, volvendo ás realidades contemporaneas, quiz saber em que estação estavamos.

— Espinho!—informei, entonteado.

— A proposito de Espinho...—prosseguiu ele.

Tive um gesto energico para deter a catadupa de reliquias historicas, supondo que Esteves iria gabar-se de possuir, como tanta gente, um espinho autentico da corôa de ignominia. Mas ele, alheio á minha angustia, não se deteve:

—A proposito de Espinho, vou mostrar-lhe um que tenho no coração. Eu já lhe disse que sou casado e que não vivo com minha mulher, não? Ah, essa mulher, essa mulher!...

—Era nova?

—Era de idade média. Encontrei-a nas ruinas do Carmo...

—Exposta?

—Qual engeitada! Era até filha de boa familia, mas eu, que a julgava uma alma arqueologica, em breve reconheci que não tinha logica nenhuma. Enganei-me...

—Ah, foi uma auto-traição?!

—Enganei-me, mas ela tambem me enganou. Ao fim de três meses de casada trocou o nosso leito, em rigoroso estilo D. João V, por uma vulgaris-

CONTINUAÇÃO NA PAGINA 6

UM ANUNCIO DE CASAMENTO

Um jornal italiano transcreve integral e textualmente, dum periódido de Tokio, o seguinte anuncio, em que uma japonesa procura marido: *«Sou uma mulher muito bela, com uma cabeleira rica e fluente, que recorda as ondas do mar. O meu rosto tem o esplendor aveludado duma flor de cerejeira e o meu corpo é esbelto como uma gôndola. A minha substância basta para fazer agradavel a vida do meu eleito. Onde está o homem distinto, culto, inteligente e belo que, alem de tudo, aprecie uma boa cozinha? Se existe um tal homem, estou disposta a unir-me a êle, a compartilhar as suas alegrias e as suas dores e, depois, quando chegue a hora, a dormir ao seu lado, eternamente, sob a mesma pedra de mármore branco.*

CURIOSIDADES DE TODO O MUNDO

—Os gatos siamezes que são criados no palácio do rei de Sião teem por seus serviçais sacerdotes budistas. Na Europa, um exemplar dessa raça chega a custar quantias elevadíssimas.

—No Parlamento inglês entram diáriamente umas cinco mil pessoas, em média. Aos sábados, porém, êste número é triplicado.

—A um jardim zoológico alemão acaba de chegar, juntamente com alguns pinguins, uma foca monstruosa, cujo pescoço erguido excede a altura dum homem alto, com um braço levantado.

—As mães de Stockholmo ofereceram á princesa Astrid, por ocasião do seu casamento com o príncipe Leopold da Bélgica, uma peça de doce representando o castelo de Arffurtsts, onde ela nasceu.

ANIMAIS QUE RIEM

Há animais que choram e que riem. O grande professor Rafael Dubois estudou o riso e as lágrimas dos animais. O cavalo e o cão, quando estão alegres e teem uma predisposição natural para o riso, erguem os lábios superiores, mostrando os dentes, e, ás vezes, soltando pequenos gritos alegres, um pouco semelhantes a soluços.

OURO DE TANTOS CARATES...

Dizer que um «ouro» tem tantos carates é indicar a sua composição. O ouro puro tem vinte e quatro carates. O ouro com vinte e dois carates encerra vinte e duas partes de ouro, uma de prata e uma de cobre; o ouro com dezoito carates tem dezoito partes de ouro, três de prata e três de cobre. O ouro com doze carates encerra doze partes de ouro, três e meia de prata e oito e meia de cobre. O número de carates indica, pois, o número de vinte e quatro partes de ouro fino da liga indicada e pode definir-se o carate como sendo um vigésimo quarto do pêso total duma liga.

Há duzentos e oitenta e seis anos neste mêz de Dezembro...

HÁ duzentos e oitenta seis anos, nestes dias do mês de Dezembro, em Lisboa, iam grandes preparativos para uma festa de magno estadão. Preparava-se a aclamação do novo rei do Portugal restaurado, o 8.º Duque de Bragança, D. João II de nome e D. João IV na Historia portugueza. O novo soberano fôra expontaneamente aclamado pelo povo, ao entrar em Lisboa, na manhã de 6 de Dezembro, depois duma marcha triunfal, desde Vila Viçosa. Mas era necessario aclamá-lo solenemente, segundo as tradições do rei de que êle era o desejado rei natural.

A solenidade teve lugar no Terreiro do Paço, no dia 15 de Dezembro de 1640.

Para o festivo acto, foi erguido um grande tablado ou teatro, pela altura duma varanda do primeiro andar do Paço da Ribeira. Para esse tablado dava acesso a varanda, que era perto do angulo do palacio, para o lado em que começa a rua do Arsenal. Sobre o tablado, um trono colocado em cima de dois estrados, formando seis degraus.

Sob um docel, uma cadeira de espaldar, estofada de brocado. Por toda a parte, alcatifas, tapetes, tapeçarias de Arrás, damascos verdes, panos doirados.

Depois de terem tomado lugar no tablado e nos degraus do trono, conforme lhes competia, os oficiais-mores da casa real, os titulares, prelados, tribunais, alcaides-mores, reis de armas, arautos e passavantes, porteiros de cana, menestreis, charamelas, trombetas e atabales, chegou D. João IV precedido do condestavel, com o estoque desembainhado, do alferes-mor com a bandeira real, do mordomo-mor. Ao som das musicas, el-rei subiu ao trono. Vinha vestido de cinzento bordado a oiro, com abotoadura de brilhantes. Trazia ao pescoço o colar de Cristo, todo de brilhantes, e cingia uma espada de copos de oiro lavrado. Aos hombros, a «opa roçagante»—como então se dizia—ou manto real, de brocado, forrado de branco com ramos de oiro. Pegando na cauda do manto, vinha o camareiro-mór, João Rodrigues de Sá. O condestavel era o marquez de Ferreira, D. Nuno Alvares Pereira de Melo, que foi depois o 1.º duque de Cadaval.

Depois do rei se sentar, tendo na mão direita o sceptro, o rei de armas Portugal disse, em voz muito alta: «Manda el-rei nosso senhor, que neste acto vão jurar e beijar a mão os grandes, titulos seculares e eclesiasticos, e mais pessoas de nobreza, assim como se acharem, sem precedencias, nem prejuizo de algum». Em seguida, o doutor Francisco de Andrade Leitão recitou um discurso, findo o qual o reposteiro-mor colocou diante do rei uma cadeira, onde se via uma almofada, egual a outra que pôs aos pés da mesma cadeira. O capelão-mór, D. Alvaro da Costa, pôs um missal, com o crucifixo, sobre a primeira almofada; o rei ajoelhou na outra e, passando o sceptro para a mão esquerda, espalmou a direita em cima do missal e proferiu o juramento, tendo junto de si, tambem de joelhos, os arcebispos de Braga e de Lisboa, e o bispo inquisidor geral. O juramento, repetido em voz alta pelo rei, foi lido por Francisco de Lucena, secretario de Estado, e era concebido nos seguintes termos: «Juramos e prometemos de, com a graça de Nosso Senhor, vos reger e governar bem e direitamente, de vos administrar inteiramente justiça, quanta a humana permite, e de vos guardar vossos bons costumes, privilegios, graças, mercês, liberdades e franquezas, que pelos reis passados nossos antecessores foram dados, outorgados e confirmados».

Terminada esta formalidade, foram todos os nobres, tambem de joelhos, jurar fidelidade ao novo rei, a quem beijavam a mão. Em seguida, o secretario de Estado declarou que o soberano aceitava todos os juramentos, preitos e menagens que acabavam de lhe ser prestados. Imediatamente, o rei de armas Portugal bradou: «Ouvide, ouvide, ouvide!» e o alferes-mór, Fernão Teles de Menezes, gritou: «Real, real, real, pelo muito alto e muito poderoso senhor rei D. João IV, nosso senhor». Estas mesmas palavras foram repetidas pelos reis de armas, arautos e passavantes, nos lugares em que se encontravam; depois, todos eles e mais o alferes-mór subiram a um banco e, voltados para a praça, com a bandeira real desenrolada, repetiram a mesma aclamação. O povo, gritando entusiasmado, e as musicas tocando, puzeram fim á grandiosa solenidade.

El-rei saiu então do tablado para a varanda e, descendo a escadaria do Paço, foi recebido no ultimo degrau desta pela Camara, que o esperava com um palio de oito varas, de lhama de prata, bordada a oiro.

Aí montou num lindo cavalo castanho, ricamente ajaezado com veludo negro e oiro, tendo-lhe dado o estribo do pé direito o estribeiro-mór, Luiz de Miranda Henriques, e do pé esquerdo, o estribeiro-menor, Miguel Pereira Borralho. O cavalo era levado á rédea por D. Pedro Fernandes de Castro.

O cortejo encaminhou-se para a Sé, precedendo o palio real todos os nobres e eclesiasticos que haviam estado no beijamão. A's varas do palio pegavam o conde de Cantanhede, presidente da Camara, os vereadores Dr. Paulo de Carvalho, Dr. Francisco Rebelo Homem, Dr. João Sanches de Baena, desembargador do Paço, e o Dr. Francisco Bravo da Silveira, na qualidade de filhos de vereadores falecidos, e ainda o Dr. Sebastião Tavares de Sousa, desembargador da casa da suplicação. Iam todos vestidos de veludo negro, com forro e mangas de seda branca.

Chegando o cortejo á praça do Pelourinho Velho, situada no fim da rua dos Capelistas, o vereador Francisco Rebelo Homem subiu a um pequeno estrado e fez um discurso, findo o qual o presidente da Camara entregou ao rei as chaves da cidade. O rei pegou nelas um momento, e tornou-lhas a restituir. O cortejo seguiu então para a Sé, a cuja porta o soberano foi recebido pelo arcebispo de Lisboa, vestido de pontifical. Em seguida, realisou-se o «Te-Deum», que foi breve. O templo estava magnificamente ornamentado. As tropas formavam desde o Paço até á Sé. Nas janelas, viam-se colchas riquissimas.

Portugal inteiro viveu, nessa hora, um dos mais sagrados momentos da sua historia. Portugal voltava a ter rei, voltava ser senhor a de si mesmo, dono da sua casa, legitimo herdeiro e continuador da sua gloria passada.

MOVIMENTO DAS CIDADES

Paris bate o *record* do movimento nas ruas. Segundo um cálculo recente, sabe-se que Paris é actualmente a cidade do mundo onde há mais movimento, ao meio-dia. Depois, vem Londres. A's seis horas da tarde é New-York que bate o *record*. Logo a seguir, á mesma hora, é Paris.

A INVENÇÃO DO FONÓGRAFO

Foi a 19 de dezembro de 1877 que Edison registou a sua primeira idéa do fonógrafo, cujo primeiro modêlo apareceu no principio de 1878. Mas já antes dessa grande data houvera certas tentativas no mesmo sentido. Tomaz Young foi o primeiro que registou os sons, em 1807; Dubamel, em 1840; Wertheim, em 1844; Lissapeux, em 1857, depois Helncholtz, Regnault, Mercadier aperfeiçoam o aparelho de Young. Todos êstes registaram os sons produzidos por corpos solidos. Foi Scott, um pobre operário tipógrafo francês, quem teve a bela idéa de substituir a acção directa do corpo em vibração por uma acção atravez do ar, graças a uma membrana que permitia registar a voz e a palavra tão bem como o som dos corpos solidos. Marcel Desprey entreviu, com efeito, a possibilidade prática de reproduzir os sons com o aparelho de Scott. Carlos Cros, finalmente, a 30 de Abril de 1877, entregou na Academia das Sciências uma memória lacrada contendo uma descrição do fonógrafo suficiente para se poder construí-lo e fazê-lo funcionar.

A INVENÇÃO DOS ÓCULOS

E' muito dificil saber em que época foram inventados os óculos. Os primeiros missionários que visitaram a China já lá encontraram, muito espalhado, o uso dos óculos. Os vidros dos óculos chineses eram muito mal arranjados e desmedidamente grandes. Montados em metal, em marfim e, ás vezes, em madeira, eram seguros ás orelhas por fitas de seda. Na Europa usaram-se óculos pela primeira vez, em 1150. Deve observar-se, no entanto, que em tôdas as citações referentes a óculos só se fala dêles como sendo usados pelos présbitos. Parece que só mais tarde é que foram usados pelos míopes. No entanto, Plínio fala das esmeraldas côncavas, atravez das quais Nero contemplava os combates de gladiadores.

A IDADE DA TERRA

O professor Cotton, de Sydney, acaba de fazer uma descoberta geológica muito sensacional.

Em companhia dum grupo de sabios da secção geológica do congresso das sciências, examinou as rochas sedimentares dos campos auríferos de Yilgarn. Declarou que reconheceu as camadas geológicas mais antigas que até agora foram encontradas. A formação déstes extractos remonta, segundo a opinião dos sábios, a um milhão e quinhentos mil anos.

TEATROS

CARTAS DE UM COMEDIANTE

Distracções...

Lisboa não gosta de "matinées"?.. E' uma questão de habito. E poucas são as capitais em que os espectaculos comecem tão tarde.

As sessões estão a vingar. Mas são á noite.

Espectaculos diurnos, só temos os do Foz, os dos Cinemas e os do Coliseu.

Não se pensou ainda em dar representações á tarde, como se faz em Madrid e noutrras cidades.

Porque não estamos habituados.

Se a moda pegasse, artistas e emprezas teriam grandes lucros.

A Companhia que desse duas sessões, uma á tarde e outra á noite, ganharia o dôbro do ordenado, mas tambem uma cadeira de oito escudos passaria a ter o valor de dezasseis ou de vinte e quatro, se em vez de duas fôssem tres, as sessões. No Oriente, os teatros abrem, na generalidade, entre as 11 e as 12 da tarde.

Escusavamos de começar tão cêdo. Mas uma "matinéesinha" por volta das quatro, cahia em cheio. Objectar-se-há: De dia trabalha-se!

Mas há muita gente que não trabalha de dia. Que não trabalha de dia nem de noite.

A percentagem dos que trabalham é muito inferior á dos que nada fazem. Para estes é que se crearam os divertimentos. Uma pessoa que nada tem que fazer sente a necessidade imperiosa de se distrair.

Porque os que trabalham estão entretidos com os seus afazeres e encontram encantos nos prazeres simples. Não precisam, nem devem, ir a teatros, a cinemas, a bailes.

Agora os infelizes que sofrem do "mal da ociosidade"—doença sem cura!—é que para os seus dias de "caffard", precisam de reagentes energicos. Que estes se divirtam é justo, é humano! O Governo devia até pensar em espectaculos gratuitos para os pobres vadios que, volta e meia, são vitimas das rusgas da Policia.

Porque a sua condição de desocupados, a braços com um tédio e uma "lazeira" incomportaveis, é digna de compaixão, de todo o amparo.

Ora, já não digo que o Governo pensasse por agora nos espectaculos gratuitos para os "ociosos pobres" (que nome tão simpatico!) pois há falta de verba.

Mas que as nossas companhias creassem as sessões "vermouth" das 4 ás 6 da tarde, para as familias e para a legião de elegantes "blasés" e "spleenéticos" que tem Lisboa, achava bem.

Para estes é que se inventaram as "matinées", as vesperaes, e até as "Mid-night Follies", os espectaculos da moda em Nova-York, e que o Apolo acaba de introduzir em Paris com um exito retumbante. A' maneira de "cabaret", um espectaculo que começa á meia noite e termina ás 4 da madrugada...

...Vamos! Um bom movimento! Distraiam-se os «infelizes ociosos!»

CARLOS ABREU

Nova Parceria

Consta-nos que se formou uma nova Parceria com grande bagagem de revistas-feeries, onde a fantasia e a graça se vão aliar aos maiores esmeros de scenario, musica, indumentaria e a todos os requisitos de "mise-en-scène" necessarios para um conjunto perfeitamente moderno e inexcedivel.

A nova Parceria sob a rubrica «Duques» tem já quasi concluida a 1.ª revista, que se intitulará «Pagode Chinez».

palestras de café...

COMO DEVE SER REPRESENTADO O TEATRO MODERNO

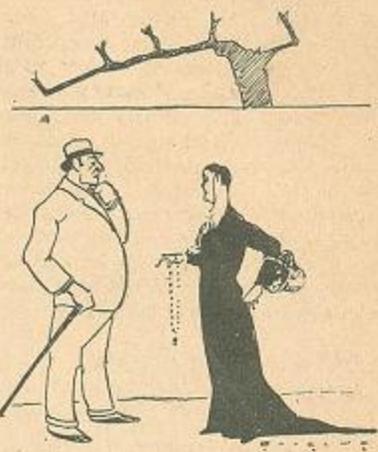
Agora que se fala tanto em teatro moderno, expressão vaga, á primeira vista eriçada de dificuldades, mas com um sentido muito logico e preciso—vamos analizar, rapidamente, se de facto esse teatro pode ser bem servido pelos artistas portugueses. Durante muito tempo houve a mania de catalogar vocações, instintos, temperamentos, esquecendo-se que a inteligencia é quem preside, marca, orienta, e domina a verdadeira creação.. O valor emocional dum actor, que incendiava os nervos em rajadas de colera, ou pintava na face o ritus cruel do sofrimento, apenas pela força dramatica do instante em que a acção o empolgava,—eram consideradas admiraveis virtudes, de excepção e de beleza, sempre louvadas e aplaudidas. Era o teatro de superficie, de exteriorisação fizica, de mecanica vocal, necessario ás peças de relevo oratorio e de anedocta amorosa, hoje postas de parte, amanhã completamente liquidadas pela retina e pela sensibilidade do publico e da critica. O teatro moderno é um teatro de profundidade. Escuta as almas. Mede as distancias. Por vezes, apaga-se em fotosferas de sonho. Outras, desfibra a emoção, arrancando-lhe em palavras o luto do seu silencio. E' um teatro intimo, em que a vizualidade passa a ser um acessorio, para lentamente penetrar a ilusão, a sombra a caricia furtiva da consciencia, que não sabe porque brotou dos olhos uma lagrima, lagrima talvez que vem duma recordação, que já não se recorda, ou dum grito que está ainda por nascer no quadro do tempo e do espaço. E' este choque obscuro, sem rastro, quazi sem palpitação de ideas e de impressões, que o teatro moderno afirma, buscando na alma e não no corpo do artista o verdadeiro e completo interprete. A par disto, a sua despersonalização absoluta, a cadencia duma voz, que não seja singular nem tenha timbre proprio, mas seja como a dos cegos—a razão dos olhos mortos.

O artista não precisa dizer; tem que sugerir. A fraze não é um grafico—é uma nota musical, inpreciza e fugitiva, que acorda outras e que não fica no palco, mas vai mais longe, levando os corações da plateia a todos os caminhos do mundo, ao alto de todas as montanhas, á densidade sombria e profunda de todos os oceanos da vida humana. Crear—e suspender a creação, para que ela fique em esboço, para que ela integre o pensamento colectivo, e não fique hirta, parada, rigida, aniquilada, deformada pelas linhas individuais do actor. Não limitar a personagem, mas adivinhar-lhe os contornos—procurando as *nuances*, até encontrar a côr. A forma plastica hoje é um erro. Os nossos artistas, pela escola gloriosa que os antecedeu, eivada dum romantismo ebrio de tumulto e de violencia explosiva, devem crear, porque a linguagem scenica de hoje é outra, a representação interior, que quasi se não acusa por gestos, por atitudes, por ficções de mascara, mas sim pelo poder de comunicar á plateia o que diz um silencio, o que uma palavra esconde, até onde chega um pensamento que germina ainda, e mal se traduz por uma fraze. E' toda uma notulação musical a crear, em que o unico instrumento é a sensibilidade. E' a valorização do dialogo, em curvas suaves duma admiravel fluidez, em que o ritmo converge para o objectivo—consciencia ou alma—desconhecendo o caminho, que o leva até lá.

E' traduzir, é significar, é modelar a natureza, sem requintes fotograficos, não como ela se nos oferece, mas como se nós a creassemos, dentro dum estilo e para uma nova beleza—calma, serena, infinita, sombria e misteriosa, no seu sonho eterno, como uma noite impassivel, sem estrelas, nem aurora.

ARTUR PORTELA

"O HOMEM E OS SEUS FANTASMAS", visto pelo nosso caricaturista

Damos dois aspectos da formidavel peça de Lenormand, em scena no Teatro Nacional, e

No hospital de loucos.
O homem (Alves da Cunha)
A louca, Laura (Berta de Bivar)

que tanto prestigio veio dar ao grupo scenico da direcção do grande actor Alves da Cunha.

Como se sabe, a peça do Nacional, sem necessitar de reclames, é o maior acontecimento

Na montanha. O homem (Alves da Cunha)
O amigo (Antonio Sacramento).

teatral desta temporada e sê-lo-há em qualquer cidade onde Alves da Cunha a represente.

UMA NOVELA DE AVENTURAS COMPLETA

TENHO cinco anos. Sou um bambino engraçado, morenote, apaparicado por meus pais a todos os momentos. Não tenho irmãos. Sou eu só, eu só no meio da tirania dos meus desejos. Tenho uma creada só para mim, que obedece ás minhas ordens e me leva a passeio todas as tardes.

Meus pais não são ricos, nem, talvez, mesmo, remediados. Mas vive-se bem. Eu sinto que se vive bem, porque não me falta nada. Tenho bôlos, quantos quero, uma grande espada que me deu o meu padrinho na *Feira Franca*, uma creada muito bonita para me servir, uma cama muito fôfa onde faço o meu *ó-ó* com a mamã.

D pois — que alegria! — tenho um quintal onde corro e salto, mas onde ha uma laranjeira que dá laranjas que eu não posso comer. A minha primeira magua: estas laranjas que eu não posso comer.

A casa onde moramos tem dois andares. Vivo com meus pais no segundo e, no primeiro, vive minha tia, minha avó materna e uma velhinha que não nos é nada, mas que o habito de viver comnosco fez minha tia—a tia Espirito Santo.

Sei que a casa não é nossa, mas tambem não sei de quem é. Só sei que de tempos a tempos bate á porta um sujeito, muito educado e muito grave,— e oiço minha tia dizer: «é o Trindade que vem receber a renda do semestre».

Minha avó, que esteve num convento, tem artes de doceira, e eu oiço dizer á minha volta que o doce que ela faz é o melhor doce de Viseu.

Tenho cinco anos e ainda não sei o que seja o a b c. Meu pai dá-me um clister três veses por semana e quando me deita—é ele sempre que me deita —conta-me historias da caróchinha.

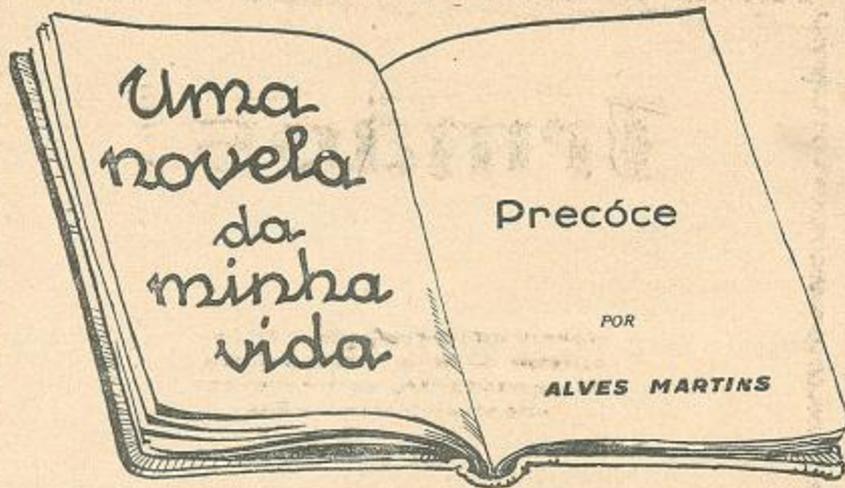
Sei o *Padre-Nosso*, a *Ave-Maria* e a *Salvé Rainha*. Benzo-me quando me deito e quando me levanto. Tenho medo das bruxas e do papão.

Tenho cinco anos, mas já scismo pelos cantos. No inverno, quando chove, veem-me lagrimas aos olhos vendo o jardim, tão triste, através dos vidros da janela! Nestes momentos não faço caso dos brinquedos, que parecem tão tristes como eu.

— Que tem o menino para estar aqua chorar? Doi-lhe alguma coisa?—pregunta a minha creada, a Micas, muito compadecida e muito aflita.

— Não me doi nada. Dá-me um beijo!

Ela pega-me ao colo, enche-me a cara de beijos e eu sinto um grande bem estar, como se já não chovesse no jardim. As minhas mãos não largam o seu pescoço e gosto de sentir-me apertado de encontro á rigesa dos seus peitos. A Micas, depois, senta-se no chão, põe-me no regaço, e começamos a brincar. De vês em quando faz-me cocegas debaixo dos braços e dá-me dentadinhas nas orelhas.

Eu, garôto, desforro-me—desforrome á valentona. Meto-lhe as mãos pelas saias. Ela finge que se zanga—esteja quieto, menino, não faça tolices, não seja mau. Tiro as mãos e fico a pensar porque rasão é tolice o que eu faço, porque rasão é que sou mau.

Tenho cinco anos e durmo com minha mãe. E' uma cama á francesa, de casal, e ao lado fica a cama de meu pai. O quarto é forrado a papel, deita para a rua e, nas noites de verão, adormeço a ouvir cantar um rouxinol.

A's veses, de noite, acordo, e tenho medo. Vejo sombras, bailando, nas paredes, á luz trémula da lamparina de azeite. Meu pai, coitado, anda sempre de levante, a ver se estou descoberto —que eu tenho um pessimo dormir. Gosto muito de meu pai. A's veses choro pensando que ele me pode faltar. Tenho cinco anos—e já penso na morte!

* * *

Uma noite aconteceu-me um grande desastre. Estava a sonhar não sei com quê—Talvez sonhando que estava a brincar com a Micas. Pois, agora me lembro, estava a sonhar com a Micas. Estava sentado no seu regaço e ela fazia-me cocegas, muitas cocegas. De repente, a um movimento do corpo, faço *chichi* na cama. Minha mãe deu logo conta e bateu-me.

— Então, isto faz-se?

Desatei a chorar, muito envergonhado. Meu pai, que acorda com o barulho, pergunta, assarapantado, o que se passou. Minha mãe continua na sabatina:

— Não se envergonha! Já tem cinco anos e ainda faz porcarias na cama. Tenho a camisa encharcada. Pôrco!

Meu pai, que nunca fôra capaz de me bater, exaspera-se com minha mãe.

— Ora a grande coisa, fazer *chichi* na cama! O que tu precisavas sei eu... Bater assim na creança! Parece incrivel!

— O que parece incrivel é que tu lhe dês, ainda por cima, os *amens!* Ora o disparate!

—Desatei a chorar, muito envergonhado.

A discussão prometia alongar-se, quando resolvi intervir. Levantei-me e em pilau, sobre a cama, tiritando de frio e a voz ainda embargada de soluços, disse convictamente a meu pai:

— O papá não tem rasão em estar a ralhar com a mamã. A mamã bateu-me e fês muito bem. Quem é pôrco deve ser castigado, e eu fui pôrco!

Nem uma palavra mais. O quarto recaiu no silencio e eu voltei a deitar-me, a meter-me debaixo da roupa, muito triste. Sim, muito triste, embora soubesse que tinha procedido bem.

Meu pai era tão meu amigo! Queria muito dar-lhe um beijo e diser-lhe: «Desculpa paisinho, mas teve que ser assim! Para que ralhaste com a mãe? Para que me obrigaste a ser cruel para ti, defendendo-me dum acto que só merecia castigo?»

E eu sofri, sofri muito nessa noite, enquanto os olhos se me não fecharam! O Menino Jesus teve dó de mim, porque me deu um lindo sonho. Sonhei que um anjo me viera buscar á terra e me levara, nas suas asas, até junto de Deus. No ceu ouvi uma musica muito linda, mais linda que a voz da Micas a adormecer-me. E Deus, que tinha um lindo manto cravejado de pedras preciosas, e uma corôa de espinhos na cabeça, pegou em mim, deu-me um beijo eterno sobre a testa e disse-me:

— Já sei, Antonio, qual ha-de ser o teu futuro. As tuas lagrimas alumiaram a minha omnipotencia. Dou-te o melhor destino que elas merecem. Serás poeta!

O galo da nossa capoeira cantou muito alto, a anunciar a manhã que rompia! Acordei, com muita vontade ás minhas sôpas de leite.

ALVES MARTINS

Pagina Alegre

CONTINUAÇÃO DA PAGINA 3

sima aventura. Eu ainda admitia que ela me preterisse por um outro mais antigo, o Tutankhamon, D. Sancho I ou Julio Cesar, mas por um cadete da Escola de Guerra é que foi imperdoavel... Um cadete de vinte anos, já dêste seculo. Horrivel...

O comboio chegava a S. Bento. Apeámo-nos e, com um vigoroso aperto de mão, Esteves chamou-me «seu velho amigo». Sempre a mania das antiguidades...

Cá fora esperava-o um sujeito grave, que se aproximou de Esteves, inquirindo:

—V. ex.ª é que vem á procura duma borla?

— Exactamente! De D. Tareja...

— Tenha a bondade de subir—disse o sujeito, abrindo a portinhola dum *coupé*—Vou conduzi-lo á borla...

Esteves confiadamente entrou e, antes de subir para a carruagem, o tal sujeito disse para o cocheiro:

— Para o Conde de Ferreira!

XISTO JUNIOR

PROFISSÕES

— Tenho uma admiravel profissão. Passo os dias a dormir!...
— Como é que te arranjas?
—Sou guarda nocturno...

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

Irmãos!

Novela admiravel, cheia de ineditismo onde se conta um pungente caso entre duas creanças que vivem como irmãos

VERDADE? Não sei. Sei apenas que a pequena e emocionante historia desta pagina, a não inventei. Contaram-m'a, como passada ha tres anos, em Santarem, num velho e desmantelado solar da estepe ribatejana, ao claro e doce sol do bom Tejo. Essa historia contou-m'a uma senhora, que sabe, nas noites tristes da provincia, entreter na admiravel e viva linguagem das antigas donas portuguezas, de bandós brancos è sorriso suave — serões intimos.

E' ela que fala.

. . . .

Frequentei muito a casa dos S. de A. Pode-se dizer que os vi nascer a todos. Andei em Lisboa, nas Salesias, com a mãe dos pequenos, e depois fui a unica companheira da casa nessas terras de Almeirim, quando da sua morte. Com efeito, o visconde não fôra feliz desse primeiro matrimonio.

Não porque Genoveva não fosse uma daquelas raparigas sobrias, meigas e antigas, a que nós chamávamos *uma perfeita dona de casa* — mas porque logo após o nascimento de Paulo começou com sesões mais fortes e no segundo verão, na Povoa, sendo fraca, morreu com tres medicos á cabeceira e febres altissimas. Pobre Genoveva! Como ficou vazia aquela casa!

O visconde sofreu enormemente, e o pequeno Paulo, entregue a mim e aos cuidados da ama, vingou, sabe Deus como.

Mas, tudo passa. Quatro anos depois, quando da grande seca, e quando houve o incendio da casa de Almeirim, o visconde e a creança vieram residir em Lisboa todo o inverno seguinte.

Foi ahi que, durante as obras da casa, uma nova mulher entrou na sua vida: Maria Joana Salazar M. Era a viuva rica, que toda a Lisboa de S. Carlos e da Garrett conhecia, pela bizarria das suas «toilettes», um pouco «noveaux-riche», e pelo espavento dos seus automoveis caros. Casaram em Julho e, assim, a fortuna do moageiro M. entrou, a tempo, na depauperada e bem fraca casa de Almeirim. Maria Joana trouxe consigo o filhito, Antonio—um garotinho vivo, moreno como o pai, forte,—com os mesmos cinco anos do Paulo, mas tão diferente em tudo do filho de seu padrasto que dir-se-hia diferirem de edade.

Paulo herdara da mãe aquela debil constituição. Os olhos azues, lacteos, bons, tinham a doçura dos pequenos anjos de Rafael, e faziam pensar lugubremente no ceu. Pelo contrario, o filho de Maria Joana tinha nos olhos a ardencia viva do filho do moageiro, nos musculos a força dum trabalhador, na nobreza de atitudes a elegancia dum filho do Pôvo. Mas as creanças foram amigas desde o primeiro instante—apesar de bem distantes em tudo.

. . . .

Respirou pouca felicidade a casa de Almeirim. Aquele pateo triste, que vira sair o funeral inesperado de Genoveva, estava reservado para palco de muitas infelicidades humanas. Maria Joana, com uma febre puerperal, morreu dum parto infeliz e inutil, porque a creança nasceu tambem morta. Duas vezes ficara desfeito o lar desse homem—cujo grande crime, que ainda não conheceis, tem que ter, pelo menos, essa atenuante: o toque de tragedia que duas vezes lhe soou perto, a dar-lhe sobre a vida e sobre o mundo o desprezo brutal das convenções e da moral.

. . . .

O Visconde ficou só, na casa de Almeirim, com as duas creanças: Paulo, o seu debil filho; Antonio, o robusto filho da sua segunda mulher. Quantas vezes, no terrasso sobre o pateo, cobertos do sol na alpendrada, eu não o vi contemplando as duas creanças. Como devia ser violento o contraste que se estabelecia no seu cerebro já morbidamente atacado: dum lado, a loira e anemica palidez do seu Paulosito, fraco, incapaz para a vida,—e, pobre! Do outro, a robustez herculea do pequenito Antonio, vigoroso e vencedor, rico, independente...

Porque, a verdade é que o seu mingoado patrimonio, com as obras da casa, com as colheitas fracas, com as contribuições duras e inacessiveis, estava miseravelmente reduzido. Foi decerto, numa dessas tardes, em que, mudo, contemplava as duas creanças brincando—que o seu cerebro foi pela primeira vez criminoso...

. . . .

Longo e doloroso foi o plano desse crime monstruoso.

Cada dia cada hora que passava, o Visconde mais sofria com o odio a essa creança—porque o odio tambem faz sofrer. Quando á meza os trez se sentavam, e no lugar do pequeno Paulo se amontoavam, como num castelo, as latas de ovomaltine, na ancia de o fortalecer—era com odio, com odio mudo, que ele via a gula natural do enteado. E se, sob a pressão estimulante e nutritiva do remedio suisso, o seu filho comia mais—dir-se-hia que um sol novo se projectava no seu olhar esperançado. Nas noites longas vinha cortar a tortura do plano criminoso. Se se libertasse do pequeno Antonio, seria ele o unico herdeiro da fortuna moageira. Depois, poderia morrer descançado. Doente, ou são, o seu garoto seria milionario—e o dinheiro, se não dá a felicidade e a saude—dá tudo o mais, que não é pouco! Cruzou-lhe então o cerebro uma ideia maldita!

. . . .

Era o Visconde que, pelas proprias mãos, todas as noites, arranjava sobre a meza da sala de jantar, para a manhã seguinte, o pequeno almoço das creanças, que se levantavam mais cedo. Ele proprio temperava as duas chavenas com cacau ou com a ovomaltine e com o assucar, para só depois se lhe deitar o leite.

Uma noite, no silencio da meia luz da sala, o Visconde preparou como de costume as duas chavenas... Mas no lugar do pequeno Antonio, o Visconde não deitou o remedio fortificante... Surdamente, violentamente, o Visconde sacou duma lata rubra um pó identico, deitou uma pequena porção—e apagou a luz.

* * *

Dias se passaram. A creança ressentiu-se, mas a forte constituição resistiu á dose lenta do veneno. No entanto, altas horas da noite, no quarto das duas creanças ouviam-se gemidos. E, uma madrugada, em que a dose fôra mais forte, o pequenito Antonio teve que chamar o Paulo.—Estou muito doente, irmão! Se tu me fosses chamar o pai!—Pois sim, vou já, disse o Paulo—e saltou da cama, em camisa, a chamar o pai.

Havia luz na sala de jantar; e a creança, resoluta, seguiu o corredor. M.... estacou no limiar da porta; furtivamente, como um ladrão, o pai tirava da lata rubra uma colher de pó. Ingenua, a creança entrou—mas não lhe passou despercebida a perturbação do pae, e assim que ele voltou ao quarto, a ver o doente, saltou sobre a cadeira e leu, na lata, escondida no armario: «Veneno, perigo de morte».

No seu pequenino cerebro fez-se um clarão terrivel.

A doença do irmão... a lata vermelha... e como comentario duas lagrimas lhe afloraram aos olhos azues, bons, ternos, que faziam lembrar os anjos de Rafael...

* * *

Não mais o pequeno Antonio sofreu as terriveis dôres. Não mais, altas horas, acordou o irmão. E as coresitas voltaram de novo á sua face doente. Dir-se-hia mesmo que engordava dia a dia, como por encanto...

. . . .

* * *

Não se descreve a scena dessa noite. Há dias já que o meu desgraçado amigo, que fôra o bom marido de Genoveva, que era agora esse tresloucado e esse doente que não hesitava em matar uma creança para garantir a vida de outra,—andava admirado do nulo efeito da sua dose de farinha arsenicada, que deitava na chavena do pequeno. Mas o misterio desvendou-se. Quando ia a deitar-se, o padrasto de Antonio sentiu um pequeno ruido na sala de jantar. Voltou imediatamente atraz, mas ficou, por momentos, no escuro do corredor, vendo a scena. Envolto na sua longa camisa de noite, o Paulosito, descalço, trémulo, vasava da janela a chavena do irmão, e enchia-a, precipitadamente, da sua querida lata de remedio. Havia qualquer coisa de tragico e de belo na simplicidade daquela scena imprevista. A' brisa da noite, a camisinha da creança ondulava, esvoaçando como uma aza de anjo...

E o meu desgraçado amigo voltou ao quarto, sucumbido, vencido, amarfanhado como um farrapo. E desde essa noite não houve naquela casa mais do que um pae e dois filhos que se amavam.

V. S.

Envolto na sua longa camisa de noite, o Paulosito descalço, tremulo, vasava da janela a chavena do irmão...

O DOMINGO ilustrado

VARIA

Numero Extraordinario

SECÇÃO CHARADISTICA SOB A DIRECÇÃO DE JOSÉ D'OLIVEIRA COSME
DR. FANTASMA

12 DEZEMBRO 1926

Apuramento da 2.ª *SERIE*

(12 numeros)

Produções publicadas 161

DECIFRADORES

DROPÊ, MAMEGO 161; AULEDO 104, LORD DÀ NOZES 102; VIRIATO SIMÕES 93; D. SIMPATICO 90

Jamengal 74; D. Galeno 73; Africano 65; Aviardo 47; Marianita 39; Dois Principiantes 35; Visconde da Relva 34; Castroliva 22, Pausanias 21; Pantaleão 13; Sancho Pança 12; Henrico, Oçaloc 11; Rei Mora 10; Jojoroca 9, Imaginario, Mané Beirão 3; Bicho Knhoto, Euristo, Rei-Fera 1.

CLASSIFICAÇÃO DOS DECIFRADORES

1.ª CATEGORIA

Com mais de 90 %

Dropê Mamego

3.ª CATEGORIA

Com mais de 50 %

Auledo, Lord Dá Nozes, Viriato Simões, D. Simpatico

CAMPEÃO

Sendo, nesta serie, dois os concorrentes ao titulo de *CAMPEÃO DE DECIFRADORES*, DROPÊ E MAMEGO, será este sorteado pela Loteria da Santa Casa da Misericordia, de 23 do corrente. Sendo o numero de bilhetes 13.500, cabem: ao primeiro, de 1 a 6750, ao segundo, de 6751 a 13.500.

PRODUCTORES

D. Simpatico, Jamengal, 12 produções; Bagulho, Visconde da Relva 11; Callar, Mané Beirão, Marianita 8; Africano, Avieira, D. Galeno, Lord Dá Nozes, Mamego, Viriato Simões 7, Camarão, Rei do Orco 6; Dropê 5, Anele, Auledo, Saturno 4; Rei das Feras, Rei dos Ursos 3; Adalberto Bêco, Dois Principiantes, Miel, Pausanias 2; Aviardo, Bicho Knhoto, Dr. da Mula Ruça, Deugesmo, Lord Dá Nozes & Camarão, Oçaloc Rei Vax, Yolita 1.

Classificação dos Productores

RESULTADO DAS VOTAÇÕES PARA O

QUADRO DE DISTINÇÃO

Bagulho,	5	quadros	com	19	votos
Jamengal,	2	»	»	7	»
Viriato Simões	1	»	»	6	»
Lord Dá Nozes,	1	»	»	4	»
Anele,	1	»	»	3	»
D. Simpatico,	1	»	»	3	»
Avieira.	1	»	»	2	»

OUTRAS VOTAÇÕES

D. Simpatico 10; Bagulho 9; Camarão 5; Jamengal, Mané Beirão 4; Auledo, D. Galeno 3; Africano, Lord Dá Nozes, Mamego, Rei do Orco, Rei Vax, Visconde da Relva 2; Avieira, Camarão e Lord Dá Nozes, Dr. da Mula Ruça, Marianita, Viriato Simões, Yolita 1.

CAMPEÃO

O titulo de *CAMPEÃO DE PRODUCTORES* desta serie, coube ao distinto colaborador *BAGULHO*, a quem enviamos as nossas felicitações e pedimos a fineza de nos remeter o mais breve possivel uma sua fotografia, para ser publicada num dos proximos numeros.

—◆—

A todos os colaboradores do MOINHO, especialmente aos mais recentes, pedimos a maxima atenção para o seguinte

REGULAMENTO

1.º—Só publicamos: *Charadas em verso, enigmas em verso, logogrifos e enigmas figurados.*

COLABORAÇÃO:

2.º—Todos os trabalhos devem sêr escritos, *cada um em seu bocado de papel e de um só lado deste*, trazendo *a decifração, assinatura e localidade* da residencia do autor e *indicando o dicionario* onde *cada conceito parcial*, bem como o *total*, podem sêr verificados *rigorosamente*.

3.º—Estão abolidas as *silabas insignificativas*.

4.º—As produções em verso não poderão exceder o limite de *4 quadras*, ou sejam, *16 versos*.

5.º—A divisão das silabas que compõem o conceito total deverá ser, *rigorosamente*, gramatical.

6.º—As *decifrações totais* dos *logogrifos* não poderão ter mais de *15 letras*. Os *conceitos parciais*, serão *pelo menos* 4, devendo repetir, o minimo, *dois terços* das letras que formam a decifração total.

7.º—Só serão publicadas as produções que sejam *rigorosamente verificaveis*, nos seguintes dicionarios:

a) Candido de Figueiredo, 1.ª, 2.ª e 3.ª edições.
b) Simões da Fonseca.
c) Francisco de Almeida.
d) H. Brunswick.
e) Francisco de Almeida e H. Brunswick.
f) Dicionario do Charadista.
g) Sinonimos, de Bandeira.
h) Auxiliar, de Bandeira.
i) Mitologia, de Bandeira.
j) Fabula, de Chompré.
k) Povo.
l) A. Moreno.
m) Antiga Linguagem, de Brunswick.

8.º Os *enigmas figurados* devem ser *bem desenhados*, em *papel branco* e *a tinta da China*.

DECIFRAÇÕES:

9.º—O prazo para a remessa de decifrações *é o maximo* de 15 dias.

10.º Todos os decifradores que atingirem, *pelo menos*, 50 %, das decifrações, *deverão mencionar, nas suas listas, a producção que mais lhes agradou*.

11.º—Serão anuladas, *sem distinção*, todas as listas que não tragam votação.

12.º—A correspondencia relativa a esta secção, deve ser endereçada ao seu director e remetida para a Rua Alvaro Coutinho, 17, r/c.—Lisboa.

ERRATAS

No ultimo numero do *Moinho* sairam alguns erros que passamos a rectificar:

No logogrifo n.º 1: o ultimo numero da 2.ª parcial deve ler-se 15

No logogrifo n.º 2: o setimo verso deve ler-se: e uma *nodoa* num braço.—3-2-7-8—10.

Na charada n.º 14: a palavra «causa» deve ler-se: «causa».

A charada n.º 16, deve ler-se: Entrou *aqui* algum homem *com um chapeu muito pequeno e ridiculo?*—1—1

CORREIO

RENANDOF.—Recebi e agradeço. Queira ler, com atenção, as regras do *Regulamento* que, hoje, publicamos.

OTROPAVLIS.—Recebi tudo. Muito obrigado.

Pausanias.—E' favor seguir á risca o nosso *Regulamento*.

CASTROLIVA.—Temos recebido tudo. Muito obrigados.

HERTOS.—Pedimos a atenção de V. Ex.ª para o nosso *Regulamento*.

FRANGERQUE.—Recebi e agradeço.

D. GALENO.—Muito obrigado.

SANCHO PANÇA.—Tanta modestia... A resposta a uma das suas perguntas encontrará no *Regulamento* acima publicado. Quanto á outra: Todos são bons. Inclino-me, porem, para o de Candido de Figueiredo, ultima edição. Sempre ao seu dispor.

JAMENGAL.—Recebi tudo. Muito obrigado.

FOFORONOFF.—Recebi e agradeço. Serão publicados. Para o futuro queira cingir-se ao nosso *Regulamento*.

PALAVRAS CRUZADAS

o passatempo da moda

Secção dirigida por DR. FANTASMA

Nota importante.—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA ALVARO COUTINHO, 17, r/c. LISBOA

QUADROS DE HONRA

DO NUMERO 96	DO NUMERO 97
AULEDO, NONÓ, HERTOS MENINA XÓ	DOIS CARTAXEIROS, DOIS PRINCIPIANTES, DOIS TORREJANOS, EL-REYS, HERTOS, MARIDO MULHER & FILHO, MARIO NEVES, MENINA XÓ

As decifrações do problema hoje publicado, devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior sairá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

DECIFRAÇÕES DO N.º 97

HORIZONTAIS.—1 rato, 2 ares, 3 elos, 4 voto, 5 lêra, 6 aden, 7 amoras, 8 genero, 9 ora, 10 ali, 11 assar, 12 reata, 13 Braga, 14 magia, 15 rol, 16 uso, 17 doirai, 18 malsim, 19 Urro, 20 pedi, 21 abel, 22 eden, 23 seio, 24 sama.

VERTICAIS.—1 rela, 2 avania, 14 mumia, 17 duas, 25 alem, 26 toro, 27 asaros, 28 rode, 29 eter, 30 sono, 31 ara, 32 visar, 33 lugar, 34 ele, 35 arrolo, 36 goa, 37 alijó, 38 asa, 39 golpes, 40 orbe, 41 irei, 42 seda, 43 idem, 44 mina.

PROBLEMA D'HOJE

HORIZONTAIS.—1 caridoso, 2 espécie de veiculo sem rodas (pl.), 3 pôpa, 4 acido produzido pela oxigenação do iodo, 5 partida, 6 individuo albino, 7 «vegetal», 8 «canas», 9 troça, 10 mulher que está para casar, 11 incapaz, 12 aparencia, 13 prefixo que indica negação, 14 livrei, 15 incisão que se faz com o buril na superficie da madeira, 16 «animal bradypodo», 17 titulo duma tragédia de Corneille, 18 pecai, 19 duas letras de «ralo», 20 solitário, 21 fluido, 22 época, 23 oceano, 24 combustivel, 25 madeira, 26 bonito, 27 três vogais, 27-A pronome pessoal (inv.), 28 chorar, 29 argola, 30 único, 31 «artéria», 32 duas letras de «aba», 33 duas letras de «rosa», 34 quatro letras de «crista», 35 «nota musical» (inv.), 36 padre, 37 três letras de «Lisboa», 38 trabalho publicado com o nome de outrem, 39 corpo extraido da hulha, por destilação, 40 «nota musical», 41 seis letras de «paraizo», 42 vazia, 43 companheiro, 44 carro que o cocheiro guia da parte de traz, 45 aparelhos, 46 nome que os egípcios dão ao sol, 47 filtra (inv.), 48 três vogais, 49 pronome pessoal, 50 quatro letras de «asneira», 51 inunda, 52 «cidade de Hespanha», 53 pronome pessoal.

VERTICAIS.—2 «pronome pessoal», 1 a favor, 54 oferece (inv.), 55 três letras de «hino», 56 vã, 57 «filósofo grego», 3 môfa, 58 paraizo terrestre, 59 arco, 60 vadiar, 61 observei, 62 aprontai, 8 duas vezes, 62-A «nome (fm.) 62 B doença, 62-C quatro consoantes, 62-D prestavis, 62-E rumor, 63 «azul», 64 duas letras de «lira», 65 existe, 66 camareira, 67 rei dum pequeno estado, 68 faísca, 69 apêndice, 70 capaz, 23 falsas, 71 pedra de altar, 72 morde, 73 «vogal», 74 «interj.» que serve para incitar um animal a levantar-se, 26 «nome» (masc.), 27-A pronome pessoal (inv.), 75 orvalha, 76 precipitada, 77 vida airada (giria), 29 nome grego do deus do Amôr, 37 «arquipélago italiano», 78 réptil (inv.), 39 «cidade da cochinchina francêsa», 79 «arvore ornamental leguminosa», 80 nome de dois rios da Asia Menor, 81 picante, 82 estima, 47 proporciona, 49 «distrito de Moçambique», 50 além (inv.), 51 duas letras, 53 «nota musical».

CORREIO

PREGO.—Só podemos publicar o seu problema quando o enviar «bem desenhado, em papel branco e forte e a tinta da china».

FOFORONOFF.—Recebemos o seu problema que não podemos publicar pela imperfeição do desenho.

DOIS TORREJANOS.—Não há mais?...

MARIO FREIRIA.—Que saudades!...

DR. FANTASMA

Varia

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 100
Por W. Pauly
Pretas (6)

Brancas (14)
As brancas jogam e dão mate em tres lances

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 99

1 D. 8 B D

1 C. 1 D, P × C; 2 D. 3 C D
D × P B; 2 T. 3 C R
P. 6 R; 2 D. 3 B R
P. 8 R = D; 2 D. 3 D etc.

Note-se que o ensaio de solução, aparentemente seductor, por 1 C. 5 D, é demolido pela resposta — D 8 R.

Resolveram o problema n.º 98 os srs. Nunes Cardoso, Club Portuense (Porto), Santalves (Figueira da Foz) e Grupo de Amadores de Xadrez de Rio de Moinhos Abrantes).

O "Lyceum" ou Club Feminino Espanhol

A mulher comtemporânea, por pouco independente que seja, tem exigências que nunca passariam pelo espirito das suas avós, nem mesmo das suas mães. Ter um *club*, para ir cavaquear um bocado, á noite, ou para ir tomar uma chavena de chá, ouvir uma conferencia, vêr uma exposição, é um ideal que nunca fascinou as mulheres de ontem... E é

Salão do novo Club Feminino Espanhol

um ideal que elas nem sequer nunca imaginaram, assim como tambem nunca se lembraram de ser taquígrafas, dactilógrafas, telefonistas, advogadas, médicas, etc. Não faz sentido que a novas exigências da vida, que obrigam a mulher a produzir trabalho e a contribuir para um maior equilíbrio social, não correspondam certas exigências de ordem espiritual. Porque motivo pode haver cem *clubs* para os homens ociosos e não pode haver um para as mulheres que trabalham?

Foi devido a uma série de considerações semelhantes a estas, que algumas mulheres espanholas forjaram o plano, hoje realizado, de ter um *club* exclusivamente feminino.

Numa casa com tradições do Madrid antigo inaugurou-se recentemente o *Lyceum* ou primeiro Club Feminino Espanhol, instituto com várias finalidades, fundado por cem senhoras, escolhidas entre a melhor intectualidade feminina da Espanha e presidido por D. Maria de Maeztu.

Trata-se duma associação completamente estranha a qualquer opinião política ou religiosa e semelhante ás que existem em Paris, Londres, Berlim, Roma, Amsterdam, e, sobretudo, na Suissa.

Os seus fins principais são o fomentar na mulher o espirito colectivo, o facultar o intercâmbio de idéas e a orientação de actividades que redundem em benefício social. Ao mesmo tempo, é tambem um lugar de divertimento e de recreio espiritual, um sítio onde as mulheres encontrarão bons livros para lerem, boas conversas para ouvirem, bons quadros e escultu'as para verem.

O *club* tem, além de sala de chá, cozinha e quarto de banho, uma biblioteca, uma sala de conferências e uma sala de exposições. O Club Feminino propõe-se tambem a coadjuvar tôdas as festas de beneficência dignas do seu auxílio. Tem secções de Literatura Sciências, Artes plásticas e industriais,

Salão de chá do Club Feminino

secções Social, Musical e Internacional, cada uma das quais é presidida por uma senhora. Há um Comité de admissão, que se reune uma vez por mês. Cada sócia paga uma quota de entrada de vinte e cinco pesetas, e cinco pesetas mensais. O dinheiro necessário para a instalação do Club foi rápida mas laboriosamente reunido durante seis mezes, pelas socias fundadoras, que organisaram espectáculos tendentes a conseguir o capital necessário.

As mesmas sócias teem esperança de que, embora lentamente, o Club irá progredindo, de forma a tornar-se o local predilecto das mulheres madrilenas que trabalham e que, com tôda a justiça, desejam ter um lar comun, onde se reunam nas poucas horas em que as fadigas caseiras e profissionais lhes permitam recrear-se, instruir-se e trabalhar ainda para a melhor organisação social da sua pátria.

Quando terão as lisboetas um Club Feminino? Quando deixaremos de ser os últimos a aceitar qualquer interessante iniciativa moderna?

Solução do problema n.º 99

	Brancas	Pretas
1	19 24	28-19
2	3 8	12-3 (D)
3	4-8	3-14-27
4	8 15-24-31 (D)	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 100

Pretas 3 D e 5 p.

Brancas 8 p.

As Brancas jogam e ganham.

Resolveram o problema n.º 98 os srs.: Artur Santos; Augusto Teixeira Marques, Barata Salgueiro, Carlos Gomes (Bemfica), Sueiro da Silveira, Vitor dos Santos Fonseca.

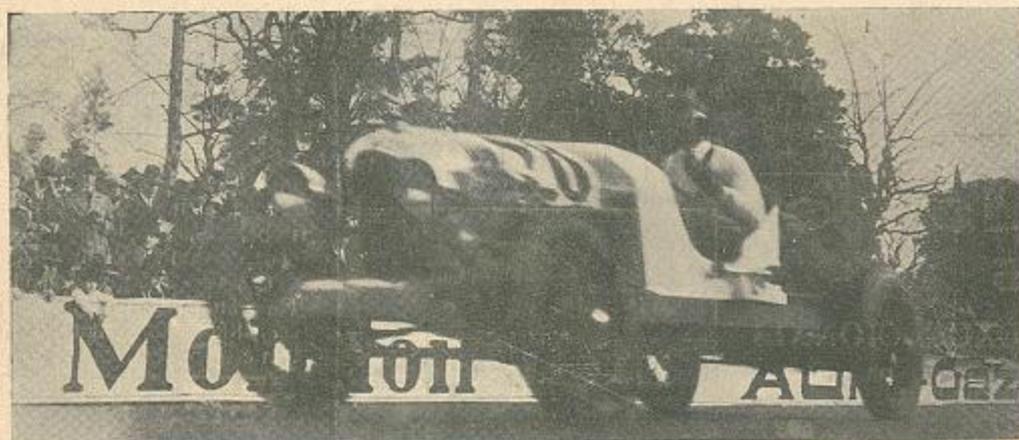
O problema hoje publicado foi-nos enviado pelo nosso bem conhecido amador das Damas, o sr. Barata Salgueiro.

Toda a correspondencia relativa esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardoso.

Actualidades gráficas

A grande prova do Kilometro de Arranque

O industrial e formidavel volante, sr. Nunes dos Santos, no grande chassis Buggatti *onde ganhou o kilometro.*

A MAIS LINDA NOTA DO KILOMETRO DE ARRANQUE.— O explendido carro do conhecido sportsman *sr. Artur Aires, onde se vê a celebre* divette *Laura Costa, com* manteaux *de* petit gris *e uma outra senhora.*

O sr. Luiz José Frade de Almeida, num soberbo Jean Gras

UM BENEMERITO

O tenente Manuel de Jesus Campos a quem algumas centenas de pobres agraderão um Natal mais feliz que os anteriores. E' por intermedio dos jornais que a quantia de 15 contos, sua parte nas multas á Moagem, será distribuida.

A nova edade do ritmo

Scena de dança na praia, por alunos dum grande instituto da California.

PUBLICIDADE

ANTONIO DE PAULA LOPES

Sucessor de ANTONIO MARIA LOPES

Armações completas de egrejas, salas e teatros em todos os generos
Riquissimo "stock" de veludos e sedas ornamentais

A MAIOR E MAIS ANTIGA CASA DO SEU GENERO NA PENINSULA

RUA DA PALMA, 5, 1.° Telefone N. 2978

CARDOSO

TELEF. 333 C.

134, RUA DA PRATA, 136

LISBOA

DE LUTO

CHAPEUS PARA SENHORAS

COM MODELOS DE CHAPEUS ADQUIRIDOS EM PARIS

SAES DE KRUSCHEN

KRUSCHEN DISPÕE BEM

O velho rejuvenescido deleita-se em patentear a energia que aos 60 o conserva plenamente sadio e jovial, dessa jovialidade cujo convivio nos contagia.

Esta é a recompensa com que o

KRUSCHEN

o favorece — a disposição de uma permanente e feliz juventude.

E' tão simples de obter! Cada manhã com uma pitada apenas de SAES DE KRUSCHEN em uma chavena de café, negligencia intestinal, falta de apetite, dôres de cabeça, depressão, dôres gotosas e reumaticas desaparecem sob o predominio de uma exuberante mocidade, de um fisico bem estar, DISPENSANDO UM ESCUDO POR SEMANA.

A' VENDA NAS BOAS FARMACIAS

DEPOSITO:
LISBOA — Rua 24 de Julho, 86
HERBERT CASSELS, JR. Telef. C. 3256

Construcção Civil

SERRALHERIA

DE

Albano de Souza Valadares

19 ESTRADA DA DAMAIA

BEMFICA

Trabalhos garantidos em todos os generos

Orçamentos gratis

Telefone 1094 N.

Telefone 1094 N.

P. A. GALAPITO

FARMACEUTICO

Rua dos Correeiros, 174, 1.° — LISBOA — TELEFONE N. 3403 CAIXA POSTAL N.o 286

ARMAZEM DE PRODUTOS QUIMICOS E ESPECIALIDADES FARMACEUTICAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

ARTIGOS DE BORRACHA E UTENSILIOS PARA LABORATORIOS E CIRURGIA

FORNECIMENTOS COMPLETOS PARA FARMACIAS E HOSPITAIS

PRODUTOS ESTERILISADOS EM AMPOLAS, ETC.

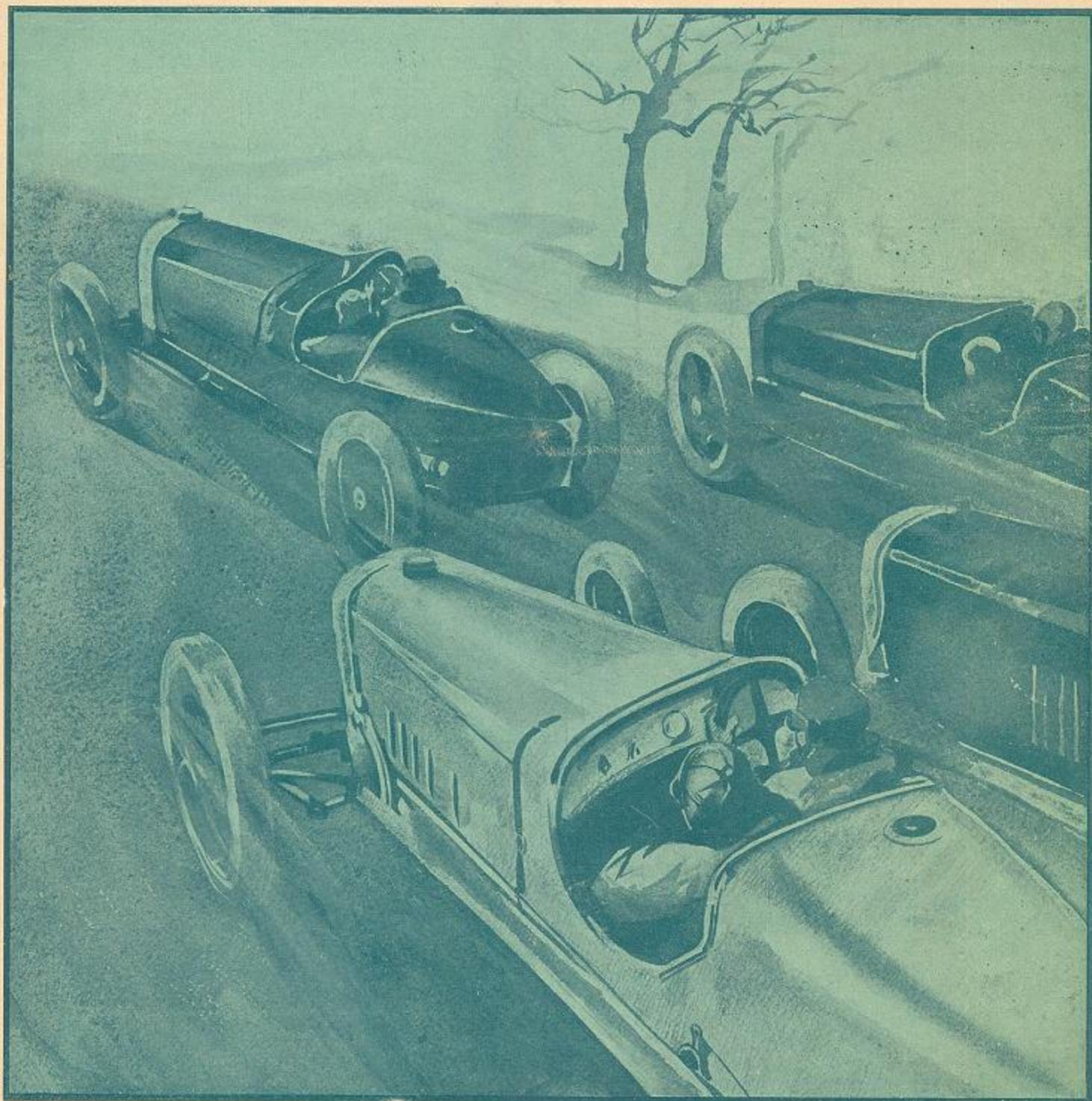
Importação directa dos principais fabricantes.

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO — 48 ESCUDOS —
SEMESTRE — 24 ESC. —
TRIMESTRE — 12 ESC. —

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$00 - SEMESTRE, 26$00
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NOTICIAS E ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS E AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES

O KILOMETRO DE ARRANQUE

A' frente de todos o pequenino Peugeot!

Tripulado pelo grande volante A. Mata, um carrinho de corrida Peugeot 5 H. P. acaba de ganhar a corrida da sua categoria no Kilometro de Arranque, a linda prova desportiva do ultimo domingo, da qual damos internamente larga reportagem.